

EM FOCO

O PARADOXO DA SUBMISSÃO COMO MECANISMO LIBERTÁRIO NAS PRÁTICAS CORPORAIS

*LA PARADOJA DE LA SUMISIÓN
COMO MECANISMO LIBERTARIO EN
LAS PRÁCTICAS CORPORALES*

ELIZA MARA LOZANO COSTA

COSTA, Eliza Mara Lozano.

O paradoxo da submissão como mecanismo libertário nas práticas corporais.
Repertório, Salvador, ano 22, n. 32, p. **199-219**, 2019.1

DOI: <https://doi.org/10.9771/rv1i32.26831>

RESUMO

Atualmente, há um grande crescimento no interesse de práticas corporais elencadas no que se chama hoje de Educação Somática. Muitos estudantes e profissionais relatam transformações nos modos de pensar sua própria subjetividade e, conseqüentemente, em suas maneiras de ser e de agir no mundo após essas atividades. Como compreender a relação entre essa sensação de mudança e o movimento corporal realizado nessas práticas? Dentre as muitas interpretações possíveis, focaliza-se aqui o papel da relação estabelecida entre instrutor e praticante, a qual, independente da metodologia utilizada, é pressuposta como uma temporária relação de dominação. Muitos consideram que as práticas chamadas de somáticas, de um modo geral, partem do respeito aos limites corporais, psicossociais e à expressividade própria de cada um e que – a despeito de várias críticas – podem ser capazes de produzir, para alguns, sensações de maior autonomia, liberdade e bem-estar. Porém, defende-se aqui que elas só atingiriam esse possível propósito libertador porque, paradoxalmente, as aulas fundamentam-se nessa relação temporária de submissão do estudante ao professor. A ideia é pensarmos teoricamente essa possibilidade de mudança como um resultado de um processo de “submissão” voluntária e temporária – tal como descrito por Gilles Deleuze –, autor que considera o masoquismo como permissão à possibilidade de um “novo nascimento”. Essa forma de submissão torna-se particularmente interessante se a pensarmos ultrapassando o terreno das artes e do movimento e abordá-la no contexto sociológico mais abrangente de “excesso de liberdade”, tal como descrito por Byung-Chul Han, autor que define a sociedade atual não mais como uma “sociedade disciplinada”, como teorizava Michel Foucault, mas como uma “sociedade do desempenho”, na qual o produtivismo já está internalizado e que há uma sensação de que há liberdade para tudo empreender, tudo poder, mas que, na prática, é uma “sociedade do cansaço”, ventre de depressões e outros sofrimentos psíquicos, na qual a ideia de liberdade seria apenas a forma mais recente e eficiente de exploração. Contexto que torna o indivíduo incapaz de perceber e negar a saturação produtivista, comunicativa e informacional do mundo atual. Assim, essas práticas corporais, como um intervalo de não liberdade, de uma submissão contratual ao professor, poderiam permitir aos seus alunos, se partirmos de Deleuze, uma percepção dessa saturação e a abertura, então, para novas possibilidades de ser.

PALAVRAS-CHAVE:

Sociologia do corpo.
Educação somática.
Relações de poder.
Construção da
Subjetividade. Masoquismo

ABSTRACT

Currently, there is a great growth in the interest of corporal practices listed in what is now called “somatic education”. Many students and professionals report transformations in ways of thinking their own subjectivity and, consequently, their ways of being and acting in the world after these activities. How to understand the relationship between this sensation of change and the bodily movement carried out in these practices? Among the many possible interpretations, we attempted here on the role of the relationship established between instructor and practitioner, which, regardless of the methodology used, is presumed to be a temporary relation of domination. Many consider that the so-called somatic practices, in general, depart from the respect to the corporal limits, psychosocial and the own expressiveness of each one and that - in spite of several criticisms - they can be able to produce for some sensations of greater autonomy, freedom and well-being.

KEYWORDS:

*Sociology of the body.
Somatic education. Power
relations. Construction of
subjectivity. Masochism.*

However, it is argued here that they would only achieve this possible liberating purpose because, paradoxically, the classes are based on a temporary relationship of student submission to the teacher. The idea is to think theoretically of this possibility of change as a result of a voluntary and temporary "submission" process - as described by Gilles Deleuze - in stating that masochism would allow the possibility of a "new birth." This form of submission becomes particularly interesting if we think of going beyond the realm of the arts and the movement to approach it in the wider sociological context of "excess of freedom" as described by Byung-Chul Han, author who defines the current society no longer as a "disciplined society," as Michel Foucault theorized, but as a "Burnout society," in which productivity is already internalized and there is a sense that there is freedom for all to undertake, all power, but in practice, is a "society of fatigue," the belly of depressions and other psychic sufferings, in which the idea of freedom would be only the most recent and efficient form of exploitation. Contexto that rendering the individual incapable of perceiving and denying productivist, communicative saturation and informational world. These practices, such as an interval of non-freedom, of a contractual submission to the teacher, could allow his students, according to Deleuze, could do a perception of this saturation and the opening, then, to new possibilities of being.

RESUMEN

Actualmente, hay un gran aumento en el interés de prácticas corporales clasificadas en lo que hoy se llama Educación Somática. Muchos estudiantes y profesionales relatan transformaciones en los modos de pensar su propia subjetividad y, consecuentemente, en sus maneras de ser y actuar en el mundo después de esas actividades. ¿Cómo comprender la relación entre esa sensación de cambio de perspectiva y el movimiento corporal realizado en esas prácticas? Entre muchas interpretaciones posibles, aquí se centra en el papel de la relación establecida entre instructor y practicante, la cual, independiente de la metodología utilizada, se presupone como una temporal relación de dominación. Muchos consideran que las prácticas llamadas somáticas, de modo general, parten del respeto a los límites corporales, psicosociales y a la expresividad propia de cada uno y que - a pesar de varias críticas- pueden ser capaces de producir, para algunos, sensaciones de mayor autonomía, libertad y bienestar. Sin embargo, en este artículo se defiende que éstas solo alcanzarían ese posible propósito libertador porque, paradójicamente, las clases se fundamentan en esa relación temporal de sumisión del estudiante con el profesor. La idea es que pensemos teóricamente esa posibilidad de cambio como un resultado de un proceso de "sumisión" voluntaria y temporal - tal como descrito por Gilles Deleuze -, autor que considera el masoquismo como permisión a la posibilidad de un "nuevo nacimiento". Esa forma de sumisión se vuelve particularmente interesante si pensamos ultrapasando el ámbito de las artes y del movimiento y la abordamos en el contexto sociológico más amplio de "exceso de libertad", tal como descrito por Byung-Chul Han, autor que define la sociedad actual no más como una "sociedad de disciplinada", como teorizaba Michel Foucault, y sí como una "sociedad de desempeño", en la cual el productivismo ya se encuentra internalizado y que existe una sensación de que hay libertad para todo emprender, todo poder, pero que, en la práctica, se trata de una "sociedad del cansancio", foco de depresiones y otros sufrimientos psíquicos, en la cual la idea de libertad sería solamente la forma más reciente y eficiente de exploración. En este contexto, el individuo se vuelve incapaz de percibir y negar la saturación productivista, comunicativa e informacional del mundo

PALABRAS CLAVE:

Sociología del cuerpo.
Educación somática.
Relaciones de poder.
Construcción de la
subjetividad. Masoquismo.

actual. De esta forma, esas prácticas corporales, como un intervalo de no libertad, de una sumisión contractual con el profesor, podrían permitir a sus alumnos, según Deleuze, una percepción de esa saturación y la apertura, entonces, para nuevas posibilidades de ser.



INTRODUÇÃO

QUEM NUNCA SE SENTIU ENVERGONHADO numa atividade corporal, de qualquer tipo? Ou ficou constrangido? Ou olhou para o lado para verificar se fazia melhor ou pior que o outro?

Nossos corpos são acostumados a uma série mais ou menos constante de movimentos e, numa aula de dança, educação somática, ginástica, luta marcial, ou qualquer que seja, somos convidados a movimentos não habituais. Ficamos desajeitados. Outras pessoas nos olham, testemunham nossa incapacidade, ou somos nós que testemunhamos o que consideramos erros alheios.

Em alguns casos, mostram-nos modelos e pedem-nos que os movimentos sejam feitos com força, velocidade, estiramento, e que sejam repetidos muitas vezes, mesmo se houver dor.

O que acontece nesse caso? Dificuldade, sofrimento como caminho de sucesso. “*No pain, no gain*”, dizem hoje os slogans de academias e suplementos alimentares. É o procedimento comum que se espera encontrar numa academia de ginástica, no esporte ou mesmo em algumas aulas de dança: esforço – dor – determinação – superação – sucesso, mais ou menos nessa ordem, e, se, ao contrário, há pouco esforço – pouca dor – pouca determinação, o resultado será

manutenção da situação anterior – fracasso – desistência. Ou seja, o clima geral é que é difícil para todos, e deve ser. Eventualmente, aqueles que já atingiram formas corporais desejadas tornam-se os exemplares, reatualizando o ciclo esforço – dor – determinação, etc., como demonstram, por exemplo, os estudos de César Sabino (2007).

Muitos artistas, pelo menos a partir do início do século XX, começaram a buscar outras formas de pensar o movimento corporal e sua relação com o espaço e a expressividade, tais como os que Márcia Strazzacappa (2012) chama de “reformadores do movimento”: Rudolf Laban (1978), Isadora Duncan (2012), Antonin Artaud (2006), por exemplo, ou, no Brasil, Klauss Vianna (2005), José Antônio Lima (2010), dentre outros, estudados por exemplo por Domenici (2010), bem como aqueles que criaram metodologias de trabalho corporal com preocupações mais fisiológicas que artísticas, como Bonnie Bainbridge Cohen, Moshe Feldenkrais, Matthias Alexander, Ida Rolting, Mabel Todd, Gerda Alexander, por exemplo, fundadores do que hoje, apesar das muitas diferenças entre si, costuma ser chamado de “educação somática”.

Há algumas discussões sobre o que deveria ser definido como educação somática, termo criado na década de 1960 por Thomas Hanna para englobar essas técnicas corporais (GINOT, 2010) além das muitas que continuam surgindo, pois, conforme Martha Eddy afirma, (apud DE GIORGI, 2015, p. 62), no ano de 2009 já existiriam mais de 37 programas certificados como de “movimento somático”. Dentre os vários estudos sobre diferenças e semelhanças entre esses métodos, seus alcances e dilemas, alguns ressaltam seus aspectos teóricos, metodológicos e práticos, como por exemplo Fortin (1999, 2011), Azevedo (2002), Fortin, Vieira e Tremblay (2010), Green (1999, 2002a e 2002b), Fernandes (2006), Batson e Schwartz (2007), Strazzacappa (2012) e Vieira (2015), por exemplo. Outros discutem temas mais próximos deste trabalho, que são as relações de dominação existentes em algumas dessas práticas e seus aspectos epistemológicos, como os estudos de Green (2012) Domenici (2010), Ginot (2010) e De Giorgi (2015).

Não pretendemos aqui encontrar uma definição para o que pode ser chamado de Educação Somática, e nem se ela é uma “panaceia” (GINOT, 2010) para os males físicos e sociais, e nem mesmo algo que seria “bom ou mal” em si mesma

(GREEN, 2002b), mas, sem discutir porque, vários estudiosos concordam que é possível pensar em práticas corporais que ajudam a promover uma série de princípios já defendidos pelos reformadores da dança a partir do final do século XIX, que visavam o movimento como uma forma de conhecimento de si e do mundo (LABAN, 1978; DUNCAN, 2012), afirmação que é fruto da minha própria experiência e, também que é uma das motivações deste trabalho.



UMA BREVE NARRATIVA PESSOAL

Ainda criança tive a sorte de morar num bairro operário paulistano quase em frente a um conservatório musical dirigido por Aurora Hirai Fujisaka. Apesar da sisudez do conservatório e da tradicional família japonesa de “dona Aurora”, estávamos da década de 1970, e suas aulas de piano (às vezes gratuitas) eram eventualmente entremeados por judô, coral, teatro e expressão corporal. Numa destas aulas eu tive minha primeira experiência corporal que hoje denominaria “somática”. Devíamos dançar livremente a partir do estímulo de uma música que, em princípio, eu não gostava. Mesmo assim deixei-me levar pelo ritmo, dancei como nunca imaginara e, mesmo tendo sete, talvez nove anos, tenho uma memória vívida do momento de espanto, pois parecia sentir meu corpo dizendo algo de mim que eu desconhecia, o que me assustava mas também me dava uma intensa alegria. Ao parar, vi o olhar da professora que, sem nada dizer, mostrava que ela sabia o que tinha acontecido.

O destino me levou para várias cidades e outras experiências, permanecendo o interesse pelo teatro e principalmente pelos cursos que mantinham aulas do que se chamava então de “expressão corporal”, com professores que já não sei o nome, mas que, na década de 1980, me levaram a frequentar um curso de Klauss Vianna, ou fazer somaterapia com preparação corporal dirigida por Ana Maria Rodriguez Costa (Ana Terra). Na década seguinte, em Campinas, continuava a fazer aulas e oficinas, esporádicas, com Jussara Miller, Adilson Nascimento de Jesus, participar de grupos de dança brasileiras com preparações oferecidas por

Marinês Calori e, já na década atual, na Universidade Federal de Pelotas, frequentar aulas de educação somática numa disciplina já institucionalizada no curso de Dança as quais, por sua vez, me levaram a entrar no curso de formação do método Feldenkrais em Porto Alegre.¹

Atualmente, aquilo que sempre foram experiências marginais no trabalho e na vida diária, não deliberadamente, acabaram tornando-se questionamentos teóricos.

Humberto Eco (2008) já falava aos seus alunos que não importava o que eles pesquisassem: eles estariam sempre falando de si mesmos. Embora a Antropologia tenha como seu fundamento os encontros e desencontros entre o eu antropólogo e o “outro”, (como descreve, por exemplo, Caldeira (1988)), aceitar-se também como algo a ser pesquisado não é muito simples, mas concordo com o desafio colocado por Amnérís Maroni (2006, p. 232), quando diz que “a objetividade possível de ser conquistada - e ela deve ser conquistada - é aquela que reconhece a subjetividade como momento primeiro da pesquisa científica”.

Assim, uma das primeiras perguntas da minha nova pesquisa era: por que eu “precisava” ter essas experiências corporais? E a resposta que me vinha em mente era a necessidade de reviver aquela experiência primeira, na qual o próprio movimento era uma descoberta de si próprio e também uma descoberta do outro, que é quem me olha. Um conhecimento que não passa pelos livros, que não passa pela pesquisa de campo nem mesmo pelas experiências criativas, a não ser quando estas perpassam o olhar do outro, que é afinal quem transforma a arte em arte como diz Jorge Coli (1995).

A pergunta seguinte era: por que algumas experiências corporais me produziam aquela sensação de descoberta, e por que tantas outras que vivi e que mal me lembro não a produziam? As respostas hoje resvalam algumas definições da educação somática, como a de Sylvie Fortin, que fala sobre uma “subjetividade que se educa e se refina” (FORTIN, 2011, p. 30), uma busca de ir “[...] em direção à integridade, à curiosidade, à qualidade de presença em si, etc.” (FORTIN, 1999, p. 51) e na busca de “ser capaz de sentir para agir, [...] no intuito de aumentar as possibilidades de escolha, logo, aumentar sua liberdade.” (FORTIN, 1999, p. 57)

1 Agradeço aqui as professoras Alexandra Dias e Flávia M. Nascimento da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e à equipe da Formação Feldenkrais Brasil por me possibilitarem essas experiências.

Evidentemente que essas observações, embora ressonantes com minha experiência particular, também pareciam algo ingênuas. Como Fortin Vieira e Tremblay (2010, p. 87) afirmam após pesquisas com dançarinos, experiências em práticas somáticas podem ter resultados muito diferentes, podendo inclusive servir para legitimar opções de práticas corporais contrárias à própria proposta somática. Ou, como discute Jill Green, essa sensação de construção de novas subjetividades que algumas práticas sugerem poderiam ser apenas uma reprodução daquilo esperado pelo olhar de fora. (GREEN, 2002a; 2002b) Como também adverte Margherita De Giorgi (2015), práticas somáticas podem ser ensinadas em contextos autoritários, assim como podem ser autoritários os argumentos teóricos que legitimam sua prática.



PRÁTICAS CORPORAIS: REPRODUÇÃO OU MUDANÇA?

A partir dessas experiências e leituras, portanto, vemos que as práticas somáticas, aqui tratadas generalizadamente, podem ser tanto consideradas como reprodutoras de um modo dominante de ser e estar na sociedade, como promotoras de subjetividades questionadoras. (FORTIN; VIEIRA; TREMBLAY, 2010; GREEN 2002a, 2002b).

O tema da relação entre práticas corporais e os conceitos de indivíduo e sociedade, sempre foram importantes às Ciências Sociais, começando com trabalhos fundamentais de Hertz (1980), Mauss (2003), e, mais recentemente, os livros de Le Breton (2001, 2009), e, no Brasil, Rodrigues (1999, 2005) dentre muitos outros. Mas, mais especificamente sobre técnicas corporais, um exemplo é a coletânea de Miriam Goldemberg (2007) e, no campo somático, Green (2002a).

Como resume Rodrigues (2005, p. 165), as ciências sociais consideraram que

[...] qualquer sociedade se faz fazendo os corpos daqueles em que ela se materializa. [...] [Assim], a primeira e mais fundamental tarefa da educação em qualquer sociedade seria forjar, sobre os organismos mais ou menos amorfos dos recém nascidos os corpos de que a sociedade necessita para viver: reproduzir a sociedade reproduzindo os corpos dos homens e das mulheres que a concretizam - corpos de guerreiros, ou de pescadores, ou de operárias...

Por outro lado, as sociedades também podem produzir “tecnologias”, modos de “cuidados de si” que promoveriam uma construção da individualidade para a ação ética, para a ação na vida social. Para Foucault (2004, p. 268), essas práticas teriam tido o seu período mais significativo entre os antigos gregos e romanos para quem,

[...] para se conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade, era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se conhecer [...] e para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo.

Assim, Foucault (2018) elenca as várias técnicas que os antigos gregos e romanos, como Sócrates, usavam para formar seus discípulos no “cuidado de si”, o que seria requisito não apenas para um desenvolvimento do indivíduo, mas para a sua ação na vida social. Como resume Salma Tannus Muchail (2015, p. 360, grifo da autora), o cuidado de si, para Foucault, consiste na ideia de “fazer da vida, obra: arte de si, arte da vida. *Tékhne tou bíon*: arte da vida, estética da existência.”

Como pensar, então, as situações descritas pelos autores e algumas experiências que aparecem como transformadoras: como “processos de subjetivação” como um desenvolvimento de uma “autoridade interna” (FORTIN; VIEIRA; TREMBLAY, 2010; BATSON; SCHWARTZ, 2009)? Seriam formas desse “cuidado de si”?

Neste momento, a maneira que me parece interessante para apontar uma possível interpretação disso passa pelo estudo das relações de poder.

LEGITIMIDADE, PODER E EXPERIÊNCIA SOMÁTICA

Instiga-me pensar que, durante certo tempo, e num determinado espaço geralmente fechado, alguém investido de uma autoridade, indica o que o indivíduo deve fazer com seu corpo. Levantar e abaixar pernas, braços, mexer mais ou menos, repousar, fazer ou não fazer força, respirar deste ou daquele modo, torcer, virar, girar, pular, sentir-se em nuvens ou sob a terra, etc. Durante esse período e nesse lugar, há uma relação de submissão entre o praticante e o instrutor, (às vezes eufemisticamente chamado de “facilitador” ou algo parecido). Após certo tempo, é possível que o aluno diga sentir-se “diferente”. Pode ser mais “relaxado”, “centrado”, “confiante”, dentre outras possibilidades ou, como disse um estudante após uma aula sobre o Método Feldenkrais, com “maior clareza intencional”. Seguindo essa ideia, seria possível pensar que, para algumas pessoas, tais práticas aumentariam a sensação de proximidade entre o “gesto” e a “intenção”, e, por conseguinte, isso estaria relacionada à possibilidade de uma nova forma de pensar a relação consigo próprias e com os outros. Como isso ocorreria?

Preliminarmente, é preciso dizer que consideramos aqui o conceito de poder tal como definido por Max Weber, como a “probabilidade de encontrar obediência numa relação social mesmo sob resistências” e, mais especificamente, o conceito de “dominação”, que é menos “amorfo”, e indica uma relação de poder dentro de certos limites determinados por um mandato. (WEBER, 1994, p. 33) Para o autor (1994), essa dominação pode ocorrer por várias motivações, interesses, costume, mas ela só se reproduziria ao longo do tempo se repousar numa “crença” na sua “legitimidade”.

Isabelle Ginot (2010) traz essa discussão para o campo somático, mostrando como sua legitimidade é construída em discursos que se utilizam tanto da ciência quanto de narrativas particulares por parte de seus fundadores. E Margherita De Giorgi percebe que, na consolidação da Educação Somática, na década de 1960, há uma “atitude agressiva” na construção da sua legitimidade, que, apesar do discurso de “neutralidade e liberdade”, o campo somático se apoia numa “postura essencialista”, de modo próximo dos protocolos mais tradicionais da medicina. (DE GIORGI, 2015)

A POSSÍVEL DOR, A POSSÍVEL SUBMISSÃO

Estamos falando, então, da relação entre poder legítimo e liberdade. Termos contraditórios que aqui aparecem ligados. Liberdade gera liberdade e submissão gera submissão, ou vice-versa? Infelizmente, não temos condições de discutir filosoficamente nem o conceito de poder e nem o de liberdade. Como afirma Roberto P. Nogueira, discutindo a relação entre liberdade, saúde e doença, a “liberdade é intrinsecamente ambígua ou problemática”. (NOGUEIRA, 2015, p. 215) Vale uma citação maior do autor:

Carregando o fardo da liberdade, o ser humano é essencialmente necessitado de ajuda, porque está sempre a ponto de se perder. Segundo Heidegger, há no ser humano uma falta de firmeza, que decorre justamente de sua *abismal liberdade*, e é daí que advém o perigo de não conseguir lidar com as demandas que o mundo lhe dirige, podendo vir a perder-se no adoecimento físico ou mental [...]. (NOGUEIRA, 2015, p. 220, grifo nosso)

Isso quer dizer que, em determinadas situações, é possível que pessoas busquem essa sensação de privação de liberdade, tal como aquelas causadas pela doença.

Podemos tangenciar essa questão a partir da discussão de David Le Breton sobre pessoas que se colocam, de forma voluntária, em situações de risco ou de dor. O autor enumera uma série de significados possíveis para a dor, dependendo do contexto, mas, de um modo geral, “toda dor envolve uma dimensão moral, um questionamento da relação do indivíduo com o mundo” (LE BRETON, 2013, p. 16), mas, se a dor é “[...] moralmente controlada ou se é superada, a dor amplia o olhar do homem, lembra-lhe o valor da existência, o sabor do instante que passa. [...] É um memento mori que traz o homem de volta ao essencial”. (LE BRETON, 2013, p. 20-21)

Outros autores também refletem sobre o mesmo tema, considerando que uma situação de dor voluntária “[...] frequentemente traz alívio pela reafirmação da capacidade de sentir [...]”. (ARAÚJO et al., 2016, p. 500) Paralelamente, é o que Le

Breton (2009) também discute no seu texto sobre os esportes e as condutas de risco, mostrando que o atleta, enfrentando uma situação tensa, na qual possui um controle parcial (graças ao intenso investimento em equipamentos e recursos de segurança, por exemplo), estaria buscando justamente esse retorno a si mesmo, um sentimento de si que estaria dissimulado nas atribuições da vida social.

De um ponto de vista extremo, poderíamos discutir essa relação entre submissão e liberdade a partir de práticas corporais entrando no tema do masoquismo, tal como discutido por Gilles Deleuze.

Vários autores têm discutido que a subjetividade, paradoxalmente, seria constituída a partir de relações de poder. Como discute Butler (2018) e resume o psicanalista Peixoto Junior (2004, p. 26), “[...] não há formação de subjetividade sem apego passional à sujeição.” Conforme o mesmo autor:

O traço mais marcante desta liberdade auto acorrentada encontra-se no prazer de infligir dor a si próprio em nome da moralidade. Este prazer, a princípio atribuído ao credor, torna-se, sob pressão do contrato social, um prazer interiorizado. [...] Mas como a interiorização da punição é a própria produção do eu, é nela que o prazer e a liberdade parecem curiosamente se localizar. Nestes termos, a punição não apenas produz o eu, mas é também o lugar do prazer e da liberdade da vontade, sua atividade de fabricação. (PEIXOTO JUNIOR, 2004, p. 29)

Tentando pensar essa relação entre liberdade e poder, é interessante compreender a visão da relação masoquista a partir de Gilles Deleuze (2009), num texto que pretendeu valorizar a importância literária de Sacher-Masoch, cujos romances serviram de base para um comportamento social que eternizou seu nome. Nesse texto, Deleuze tece uma longa discussão com a psicanálise que resumimos a seguir, enfatizando os pontos que nos ajudam a pensar nosso tema.

A relação masoquista, para o autor, diferentemente da relação sádica, é baseada num “contrato” em que uma pessoa, num determinado lugar e tempo, coloca-se numa situação de submissão a outra. Essa relação é em parte verdadeira, e em

parte teatral, dramática (DELEUZE, 2009, p. 101), geralmente incluindo figurinos e adereços e que pode, a qualquer momento, ser encerrada.

Inicialmente, poderíamos pensar o masoquismo como um meio de punição prévia para aquele que, por algum motivo, construiu uma ideia de culpa pelo desejo sexual e que a punição o liberaria, previamente, para o prazer. Mas não é apenas isso o que acontece na opinião do autor. Para Deleuze, há uma complexa relação entre pai, mãe e filho (termos que não indicam pessoas, mas ideias com relação à vida social). Grosso modo, pode-se dizer que quem é espancado não é o filho, mas o pai, aquele que representaria o princípio da realidade e o espancador seria a mãe, ao mesmo tempo acolhedora, fria e cruel. “A mãe não é absolutamente o termo de uma identificação, mas a condição do simbolismo pelo qual o masoquista se exprime” diz o autor e, “nessa fria aliança, a sentimentalidade e a crueldade femininas fazem o homem refletir, e é o que constitui o ideal masoquista.” (DELEUZE, 2009, p. 55, 64)

Como diz o autor,

[...] o masoquista faz com o que o espanquem; mas o que ele faz espancar, humilhar e ridicularizar é a imagem do pai, a semelhança do pai, a possibilidade de uma volta ofensiva do pai [e da realidade]. Não é ‘uma criança’, é um pai que é espancado. O masoquista torna-se livre através de um novo nascimento em que o pai não tem papel algum. (DELEUZE, 2009, p. 66, grifo do autor)

E, para melhor entendermos, diz Deleuze (2009, p. 100-101):

O masoquista vive no mais profundo sentimento de culpa, mas de forma alguma uma culpa sua diante do pai; pelo contrário, é a semelhança com o pai que é vivida como culpa, como objeto de expiação. [...] A culpabilidade é parte do triunfo masoquista. Ela torna o masoquista livre [...]. É o pai que é culpado no filho, e não o filho diante do pai. [...] o masoquista conta uma história, como o elemento suprapessoal que o anima. Ele é conduzido por essa

história que descreve como a mãe oral triunfou, como a semente do pai foi abolida, como daí surgiu o homem novo.

Assim, seguindo essas considerações, essa situação contratual de submissão produz esse “curioso efeito”: um contexto simbólico capaz de permitir uma destruição da imagem do pai, enquanto “[...] autoridade repressiva que regulamenta a sexualidade e serve de princípio para o supereu” (DELEUZE, 2009, p. 126-127), o que permitiria, ao que se coloca na situação de submissão, uma “expição” e, mais ainda, uma “reflexão” e um “renascimento”. (DELEUZE, 2009, p. 63)

Assim, se pudermos extrapolar essas considerações, poderíamos imaginar, então, que algumas práticas corporais somáticas poderiam produzir uma sensação de maior liberdade e, por conseguinte, gerar condições para produção de novas subjetividades, no sentido em que é um tipo de atividade que, assim como numa relação masoquista – branda, suave, digamos assim –, realiza-se a partir de um “contrato” temporário em que o participante se coloca numa situação de submissão ao instrutor.

Ainda que geralmente enfatizando a busca de bem-estar, na prática, como em qualquer outro processo educativo, a pessoa que participa dessas atividades corporais permite-se estar numa situação temporária de fazer aquilo que indica o instrutor, o que inclui uma série de constrangimentos, que são parte verdade, parte brincadeira, em parte autorizados, em parte surpreendentes. Não raro, o aluno esforça-se mais do que o solicitado pelo instrutor. Procura acertar, mesmo sabendo que não há erros e acertos. Busca modelos no outro, mesmo sabendo que não é isso que diz a maioria dos discursos somáticos. Passa por pequenas situações em que se sente observado, talvez silenciosamente criticado. Sente-se envergonhado ou mesmo com dor e humilhado, talvez por apenas alguns instantes.

Conforme citado por Jill Green (2002, p. 119), também para Morgan (1996, p. 35) a criação do self é um regime de “autoerotismo”, que “[...] supõe exercícios e práticas de regime de austeridade e abstinência particularmente austeros”. Só que, vale lembrar que, para Foucault (2018, p. 55), “Não se pode cuidar de si sem passar pelo mestre, não há cuidado de si sem a presença de um mestre.”

Há algo de acolhedor, frio e cruel nos instrutores. E, se consideramos as opiniões de Deleuze, seria essa situação “contratual” e temporária de submissão, algo de humilhação e certa crueldade moral, que, simbolicamente, permitiria uma “reflexividade” livre e, com isso, possibilidades de uma nova subjetividade.

Podemos pensar, portanto, que se durante algum tempo o estudante pode aceitar esse momento de submissão, tentar fazer o que não lhe é habitual, perceber-se humilhado pela ignorância daquilo que é simples, seria porque há um mecanismo, talvez inconsciente que, a partir de determinado momento, quebra essa relação, e o aluno sente um breve instante de estar consigo mesmo, de descobrir possibilidades, ou mesmo de permitir-se o dormir, como não raro acontece, como que ultrapassando aquele domínio do instrutor, promovendo, então, novos acontecimentos e experiências. Como demonstrava Sócrates, é, “[...]a partir de um reconhecimento da própria ignorância” que se pode “[...] gerar uma mudança na relação consigo mesmo”. (KOHAN, 2015, p. 423)



CONCLUSÕES INICIAIS

Pretendemos aqui refletir sobre os mecanismos que possibilitariam as mudanças que às vezes são relatadas como resultado de práticas corporais somáticas, tendo por foco as relações de poder estabelecidas no interior de uma sala de aula. Ainda que essa pesquisa continue em andamento, consideramos no momento que, se essas práticas se propõem libertárias, a construção dessa “liberdade” deveria ser compreendida, também, como resultado paradoxal de uma “relação de dominação” (WEBER, 1994) em que os praticantes aceitam submeter-se “contratualmente” a situações que parecem simples mas que podem ser difíceis justamente pela simplicidade, como a “impaciência” de alunos tendo de descobrir novas posturas (DOMENICI, 2010, p. 78-79) ou a dificuldade de lidar com o descanso, importante para algumas dessas práticas (BATSON; SCHWARTZ, 2007), ou o constrangimento de saber que está sendo visto e que pode não estar fazendo o “certo”, mesmo sabendo que o movimento certo, nessas

práticas somáticas, é aquele considerado adequado para cada indivíduo. Estamos considerando, portanto, que esses pequenos constrangimentos físicos, psíquicos e morais seriam parte importante do processo que, como alguns chamam, é de construção de novas subjetividades.

Por outro lado, gostaríamos de concluir o trabalho tentando levar essa discussão para um contexto mais abrangente, utilizando-nos, para isso, das observações de Byung-Chul Han (2014, 2015) sobre a sociedade hoje e o aumento cada vez mais preocupante das doenças psíquicas como a depressão, tentando relacionar essa visão de sociedade com o atual apelo por essas práticas corporais.

Byung-Chul Han procura demonstrar que, atualmente, não viveríamos mais aquela “sociedade disciplinada”, tal como discutido por Michel Foucault (2005). Para Han, estaríamos num momento em que já não precisamos mais dos “discursos de verdade”, produzidos pelas ciências, para construir a “sociedade dócil”, voltada para a produção, como havia descrito Foucault (2005). Para Han (2015), “o desejo de maximizar a produção” já faria parte do nosso “inconsciente social”. Viveríamos, assim, numa “sociedade do desempenho”, na qual aprendemos que somos capazes de tudo fazer, tudo ter, tudo poder, o que seria, em suas palavras, uma “violência da positividade”. (HAN, 2015, p. 16) Vale seguir o autor:

O sujeito de desempenho está livre da instância do domínio exterior que o obrigue ao trabalho e o explore. Está submetido apenas a si próprio. Mas a supressão da instância de domínio externo não elimina a estrutura de coação. Ela, antes, unifica liberdade e coação. O sujeito de desempenho acaba entregando-se à coação livre a fim de maximizar seu desempenho. Assim ele explora a si mesmo. Ele é o explorador e ao mesmo tempo o explorado, o algoz e a vítima, o senhor e o escravo. (HAN, 2015, p. 105)

Citando Baudrillard, o autor considera que vivemos uma “[...] obesidade de todos os sistemas atuais’, do sistema de informação, do sistema de comunicação e do sistema de produção”, um “exagero de positividade” (HAN, 2015, p. 14) frutos “da superprodução, do superdesempenho ou da supercomunicação”. (HAN, 2015, p. 16) O lado perverso disso, e é o que nos interessa, é que nós não teríamos

defesa contra esse excesso, essa “saturação”: nós não seríamos capazes da “imunorreação à gordura”. (HAN, 2015, p. 15)

[...] a violência neuronal, [...] escapa a toda ótica imunológica, pois não tem negatividade. A violência da positividade não é privativa, mas saturante; não excludente, mas exaustiva. Por isso é inacessível a uma percepção direta. (HAN, 2015, p. 20)

O resultado desse processo é que essa “sociedade do desempenho” seria, na prática, uma “sociedade do cansaço”, na qual reinam a depressão, o pânico, a síndrome de Burnout, os transtornos de atenção e da hiperatividade, condizente com o número milionário de remédios produzidos à base de princípios ativos que visam diminuir a ansiedade, o que produziria uma população cada vez mais medicamentada e dependente. Não é difícil perceber que ansiedades e depressões são, também, um “sintoma social”, como afirma Maria Rita Kehl (2010).

E como as práticas somáticas relacionam-se com esse contexto no qual se tornam, cada vez mais, atrativas?

Se, de fato, não somos capazes de perceber esse “excesso”, essa “saturação” de produção, de informação, de comunicação, essas práticas corporais nos obrigam, ao contrário, a uma pausa nessa sensação de positividade.

Não arriscamos aqui uma interpretação biológica nessa relação entre movimento corporal e contexto social, mas vale registrar os estudos de Glenna Batson e Eliot Schwartz (2007, p. 54), que discutem teorias neurológicas que demonstram que o uso excessivo de algumas partes do corpo podem alterar a química muscular e, dessa forma, a sensibilidade de músculos que indicam sensações ao cérebro. Assim como a falta de uso de uma função corporal gera uma diminuição da parte do cérebro ocupada com aquela função, o excesso de uso também provocaria um dano no mapa cerebral, uma exagerada expansão das suas áreas vizinhas, diminuindo a percepção do desenvolvimento de uma possível síndrome de uso excessivo. Que é, justamente, a expectativa daquelas academias mais tradicionais de ginástica e mesmo de dança. E que também é, por sua vez, o que se espera de um trabalhador (ou colaborador) nos dias de hoje e que, não à toa, é o principal

representante dos sofrimentos relatados por Han (2015), insensíveis à saturação e à própria autoexploração.

Ao contrário, Batson e Schwartz (2007, p. 51) relatam a dificuldade inicial de alunos numa experiência que equalizava o tempo de atividade corporal com o tempo de descanso, e que, quando alguns se acostumavam com a tarefa, notavam uma maior “autoridade pessoal”, e uma sensação de bem-estar.

Assim, podemos pensar que o praticante de Educação Somática, a partir dessa situação temporária em que deseje aceitar o domínio de outro, poderia tornar-se capaz de olhar para suas próprias ignorâncias, sofrer o seu cansaço, os seus exageros, as suas saturações. E, quem sabe, a partir disso, surgir de uma nova maneira, retomando o que Muchail (2015) afirmava sobre o “cuidado de si” de Foucault, tornar-se capaz de “fazer da vida, obra: arte de si, arte da vida”, novamente.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Juliana Falcão Barbosa de, et. al. O corpo na dor: mutilação, masoquismo e pulsão. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 497-515, 2016.

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. Tradução de Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

AZEVEDO, Sonia Machado. *O papel do corpo no corpo do ator*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BATSON, Glenna; SCWHARTZ, Eliot. Revisiting the value of somatic education in dance training through an inquiry into practice schedules. *Journal of Dance Education*. v. 7, n. 2, p. 47-56, 2007.

BUTLER, Judith. Introdução. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 9-38.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 21, p. 133-157, jul. 1988.

COLI, Jorge. *O que é arte*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

DELEUZE, Gilles. *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DE GIORGI, Margherita. Dando forma ao corpo vivo: paradigmas do soma e da autoridade em escritos de Thomas Hanna. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*. Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 54-84, jan./abr. 2015.

DOMENICI, Eloisa. O encontro entre dança e educação somática como uma interface de questionamento epistemológico sobre as teorias do corpo. *Pro-Posições*, Campinas, v. 21, n. 2, p. 69-85, maio/ago, 2010.

DUNCAN, Isadora. *Minha vida: memórias*. Tradução de Isabel Horta. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2012.

ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FERNANDES, Ciane. *O corpo em movimento: o sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas*. São Paulo: Annablume, 2006.

FORTIN, Sylvie. Nem do lado direito, nem do lado do avesso: o artista e suas modalidades de experiência de si e do mundo. In: WOSNIAK, Cristiane; MARINHO, Nirvana (orgs.). *O avesso do avesso do corpo: educação somática como práxis*. Joinville: Nova Letra, 2011. p. 925-943.

FORTIN, Sylvie. Educação somática: novo ingrediente da formação prática em dança. *Cadernos do GIPE-CIT*, Salvador, n. 2, p. 31-39, fev. 1999.

FORTIN, Sylvie; VIEIRA, Adriane; TREMBLAY, Martyne. The experience of discourses in dance and somatics. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71-91, abr./jun. 2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2005.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Tradução de Elisa Monteiro; Ines Autram D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 99-116. (Ditos & escritos ; 5)

FOUCAULT, Michel. Aula de 13 de janeiro de 1982 - primeira hora. In: FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. Tradução de Márcio A. da Fonseca e Salma T. Muchail. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2018. p. 41-59.

GINOT, Isabelle. Para uma epistemologia das técnicas de educação somática. *Percevejo*, v. 2, n. 2, p. 1-17, jul./dez. 2010.

GREEN, Jill. Somatic authority and the myth of the ideal body in dance education. *Dance Research Journal*, v. 31, n. 2, p. 80-100, 1999.

GREEN, Jill. Foucault and the training of docile bodies in dance education. *Arts and Learning*, v. 19, n. 1, p. 99-126, 2002a.

GREEN, Jill. *Somatic knowledge: the body as content and methodology in dance education*. 2002b. Available on: <https://www.researchgate.net/publication/254312319_Somatic_Knowledge_The_Body_as_Content_and_Methodology_in_Dance_Education>. Access on: 20 Sept. 2018.

GREEN, Jill. Kinetic Awareness® for women with breast cancer: somatic movement an aid to treatment. *Journal of Dance & Somatic Practices*, v. 4, n. 2, p. 211-232, 2012.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio P. Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: neoliberalismo y nuevas técnicas de poder*. Tradução de Alfredo Bergés. Barcelona: Herder Editorial, 2014.

HERTZ, Robert. A preeminência da mão direita. *Religião e sociedade*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 99-125, 1980.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

KOHAN, Walter Omar. Do fascismo ao cuidado de si: Sócrates e a relação com um mestre artista da existência. In: RAGO, Margareth; VEIGAS-NETO, Alfredo (org.) *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 415-426. (Série Estudos Foucaultianos)

LABAN, Rudolf. *Domínio do movimento*. Tradução de Anna M. B. De Vecchi; Maria S. Mourão Netto. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Tradução de Fábio Santos C. Lopes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LE BRETON, David. *Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

LE BRETON, David. *Antropologia da dor*. Tradução de Iraci D. Potele. São Paulo: FAP-Unifesp, 2013.

LIMA, José Antonio. Educação somática: limites e abrangências. *Pro-Posições*. Campinas, v. 21, n. 2, p. 51-68, 2010

MARONI, Amnéris. Psicanálise e ciências sociais: tecendo novos caminhos de pesquisa. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 39, n. 71, p. 231-246, dez. 2006.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naif, 2003. p. 369-422.

MUCHAIL, Salma Tannus. Leitura dos antigos, reflexões do presente. In: RAGO, Margareth; VEIGAS-NETO, Alfredo (org.) *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 349-361. (Série Estudos Foucaultianos)

NOGUEIRA, Roberto Passos. Saúde e liberdade na era das doenças crônicas. In: NOGUEIRA, Roberto Passos et al. (orgs.). *Observatório Internacional de Capacidades Humanas, Desenvolvimento e Políticas Públicas: estudos e análises*. v. 2. Brasília: UnB/ObservaRH/Nesp – Fundação Osvaldo Cruz/Nethis, 2015, p. 211-225.

PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Sujeição e singularidade nos processos de subjetivação. *Ágora*, v. 7, n. 1, p. 23-38, jan./jul. 2014.

RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

RODRIGUES, José Carlos. Os corpos na Antropologia. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JÚNIOR, Carlos E. A. *Críticas e atuantes: ciências sociais e humanas em saúde na América Latina*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 157-182.

SABINO, César. Drogas de Apolo: o consumo de anabolizantes em academias de musculação. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 139-188.

STRAZZACAPPA, Márcia. *Educação somática e artes cênicas*. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2012.

VIANNA, Klauss. *Dança*. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

VIEIRA, Marcilio Souza. Abordagens somáticas do corpo na dança. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*. Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 127-147, 2015

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Régis Barbosa; Karen Barros. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. v. 1.

ELIZA MARA LOZANO COSTA: é professora na Universidade Federal do Rio Grande (Furg), doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), graduanda em Licenciatura em Dança pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e aluna da III Formação no Método Feldenkrais Brasil.